

OS PORTUGAS

Marcos Satoru Kawanami

Rua Dr. Edmilson Pessoa Cavalcanti, 1357
cep: 15190-000 Nhandeara SP
Brasil

REGISTRADO NA BIBLIOTECA NACIONAL

ao meu amigo de infância:
Christian Baggeler Wendt

PREFÁCIO EM DESAGRAVO

O gigante impávido colosso
jaz contemplativo:
...é, e o que fiz de mim?

O gigante corrói-se por dentro:
Faltou-lhe a fé?
Talvez não, mas foi vil
por poder ter sido e não é
venturoso, Brasil.

Há séculos aqui aportaram
os astronautas do passado
que o bravio Atlântico singraram;
e agora Portugal, do outro lado,
chora a cantar um fado dolente
com nostalgia daquela sua gente
que com coragem sobre-humana
dilatou o mundo
plantando a cruz em cada continente.

CANTO I

(antes da ressurreição)

1

As armas e os barões atropalhados,
Que da acidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes insultados,
Passaram muito além da mente insana
Em pegas-para-capar desnorteados,
Mais do que os que estimula o rum-de-cana,
E entre gente mais torta edificaram
Novo Reino, que tanto avacalharam;

2

E também as piadas gloriosas
Dos Portugas que foram difamando
O bom-senso, e as terras viciosas
Do Brasil foram só bisbilhotando;
E aqueles que por obras desastrosas
Vivem da lei da morte se esquivando;
Sorrindo espalharei por toda parte
A desmesura em Vênus, Terra e Marte.

3

Cessem do nécio Gago e Paraíba
As confusões heróicas que aprontaram;
Cale-se de bombinha e de biriba
O furor da mamãe que provocaram,
Pois o portugo peito é sempre arriba,
De quem Neptuno e Marte assim zombaram:
Cesse tudo o que a Musa velha arrota,
Que furtivo é o peido que se nota.

4

E vós Sátiros lindos, pois criado
Tendes em mim um novo pervertido,
Se sempre em verso liso e bem safado
Celebrei vosso mato divertido,
Dai-me agora um som alto e perfumado,
Um estilo maldoso intrometido,
Por que, de vossas moitas, Febo diga
Que saiu assustada a Rapariga.

5

Dai-me uma pomba grande desejada,
E não um clarinete ou flauta ruda,
Mas a tuba canora avantajada,
Que ao peito ascende e a cor ao gesto muda;
Dai-me esse entusiasmo da gozada
Gente vossa, que ao Riso tanto ajuda;
Que se espalhe a pilhéria no universo,
Se tanto despautério cabe em verso.

6

Manuel Joaquim, herói da nossa gente,
Partiu de Portugal mui furibundo
Com o Destino, este indecente,
Que o confiou nas mãos do Velho Mundo;
E arribou no Brasil, todo contente,
A fim de mergulhar até o fundo
Num barril generoso de cachaça;
Vê-lo assim dava gosto, dava graça.

7

Depois de beber tal tonificante,
O portuga quedou-se a lamentar:
Queria ver Maria, sua amante;
Largado ao celibato do além-mar,
Encasquetou a idéia no talante
Que, no Brasil, preciso era casar;
Esteve por alguns dias inquieto,
Carecia escrever o analfabeto.

8

Então, para Maria enviou
 Uma fosfórea caixa, em sinal
 Do grande amor que sempre despertou
 No seu portugo peito angelical
 A boca desdentada que beijou
 Numa moita dum bosque em Portugal;
 Mas, dos fósforos não valeu nenhum,
 Pois Manuel testara cada um.

9

Sequioso por ler a correspondência,
 Manuel pedia a Pedro, mais letrado,
 Que lesse em alta voz com diligência
 As cartas que enviava o ente amado;
 Em uma nobre mostra de demência,
 Os ouvidos de Pedro eram tampados
 Pelas mãos do portuga cauteloso
 Em preservar o assunto sigiloso.

10

Maria de Oliveira Corrimão,
 Desde sempre beata de carreira,
 Levava sua bíblia na mão,
 Levava sua vela na algibeira,
 Deixava mui feliz o sacristão
 Cuja cara luzia prazenteira;
 Esta mulher, portuga exemplar,
 Chorava o Manuel no além-mar.

11

Maria se aprazia em contemplar
 Todos os santos feitos de madeira;
 Gemia de fervor ao pé do altar,
 Tamanha a sua fé tão verdadeira;
 Deixava mesmo até de respirar
 No momento da reza derradeira;
 Pois é santa a portuga concubina,
 Que agrada ao homem que não é sovina.

12

Com os pretos mostrava caridade;
Sem racismo, pintava-os de cal
Dando a todos a sua claridade;
Segurando a brocha pelo pau,
Conheceu uma sã maternidade,
E assim tão pura nunca se deu mal;
Entanto, Manuel ia sofrendo,
E na testa um ornato ia nascendo.

13

Manuel, sendo burro mas não besta,
Arranjou outro amor, e sem tardança
Fez o Pedro escrever uma funesta
Missiva, pondo cabo à esperança
Da Maria lograr pela fenestra
Penetrar no Brasil da maré-mansa;
A portuguesa, ficando em chão natal,
Lamentou ter nascido em Portugal.

14

Manuel se enfeitou e pôs gravata
Para ir ao encontro triunfal
Da musa que do samba é diplomata,
Que neste mundo não acha rival;
Ele se enrabichou pela Mulata,
Riu-se do sem-sabor de Portugal,
E três dias passou tirando e pondo;
O quê?, a bem dizer, é o que não sondo.

15

Por nossa estranha sina sobre a Terra,
Por tudo que acontece sem razão,
Aqui dá-se um milagre que aterra
Na vida do portuguesa bom varão:
De repente a Mulata um dia berra,
Notando que lhe cresce um barrigão;
Passados nove meses ansiosos,
Os papais se contentam de orgulhosos.

16

A fim de sustentar a farta prole
Que se seguiu depois do matrimônio
(Nota-se que a Mulata muito bole,
Esta obra divina e do demônio),
O Manuel deixou de corpo mole,
E teve que arrumar labor idôneo;
Fundou o brasileiro botequim:
Esta instituição nasceu assim.

17

Pra consolar Maria em Portugal,
Lamentando perder pra brasileira,
Manuel lhe enviava genial
Mistura de farinha bem caseira
Pra emprenhamento não convencional;
Maria prenhe, diz ele sem eira:
“Que coisa nova, que coisa epilética!
Caralhos, criei a Porra Sintética!”

18

Teve também um caso de exceção:
Afonsinho em Lisboa, viu seu pai
Jogando a um mendigo um só tostão;
Já chegando ao Brasil, deu muito mais,
E o menino, confuso da razão,
Pergunta: “Por que aqui tanto assim dais?”
Responde o pai, risonho e zombeteiro:
“Porque este, além de tudo, é brasileiro”.

19

Manuel nunca quis o casamento
Da filha com o velho Raoni;
Pois, exigiu do índio provimento
Além do que podia um guarani;
Havia de ter membro de jumento
Esta caricatura de Peri;
Sem vacilo, a resposta logo veio:
O índio ia mandar cortar no meio!

20

Da Mulata com nosso Manuel,
Ao mundo veio gente indefinida
Que eu não ousa pintar neste papel;
Do índio com a filha divertida
Dos, tenros qual jasmim, beijos de mel,
Nasceu robusta a raça prometida,
A raça malandrinha e fuxiqueira,
A raça da brava gente brasileira.

21

Depois veio a nascer Macunaíma,
O grande mal, a grande tempestade
Que se espreguiça e nunca sai de cima
De uma rede de luxo e de maldade;
E se seu pai louvado cabe em rima,
Deus salve a pena de Mário de Andrade
Que aos povos deu o povo em prosa e verso,
E aos novos deu um novo senso emerso.

22

Voltando ao Manuel, bom português,
Dou fé que um nobre amigo ele arranjou;
O amigo aqui chegou, fazia um mês,
Do distante Japão, e se casou
Feliz com uma doida o japonês;
Pouco custa antever o que passou:
História com portuguesa e nipolino
É um belo monumento ao desatino.

23

Tendo um filho, o japona quis um nome
Que cá servisse em plaga ocidental
Para o menino nunca passar fome
Ou carestia, ou mesmo passar mal
De diarreia, que tanto consome
O siso do malandro e do boçal;
Querendo batizar o rapazinho,
Foi atrás do portuguesa, seu vizinho.

24

No boteco, o portuga bonachão
Contemplava a poupança já capenga
Da tal Mulata amor de perdição,
Quando entrou o japona lenga-lenga
Atrás de um nome a dar ao seu varão,
E, sem saber, criou uma pendenga
Compreendendo torta a sua mente
O que disse o portuga simplesmente:

25

“Sugiro que o menino venha a ter
Um belo nome, qual Sebastião,
Vulgo: Tião, herói que há de volver
De Arábia com a glória da nação”;
E o nipolino, sem nada entender,
Deu, à palestra, sua conclusão:
“Sim, gostei do Sugiro, obrigado;
Assim vai se chamar este abestado”.

26

E quando o japonês ficou doente
Já morrendo na cama do hospital,
Dizia: “Soro... caba” falecente
Nos braços do portuga prantinal;
Até que em fim, sem mais e de repente,
Bate as botas o japona, de tão mal;
“Mas, o que foi?”, se assusta o enfermeiro
Chegando bem no instante derradeiro.

27

“Não sei; morreu assim este infeliz;
Apenas Sorocaba ele lembrava,
Urbe talvez de antiga cicatriz”;
Com cara mais atenta e muito brava,
Lamenta o enfermeiro todo gris:
“Pudera, Manuel, você pisava
Na borracha do soro glicosado:
O morto faleceu esfomeado!”

28

No enterro do japona, dá-se o cúmulo
 Do orgulho, vaidade e despautério
 Quando Manuel, junto ao val do túmulo,
 Com voz grave discursa muito sério
 E cai-lhe a dentadura de tão trêmulo
 Naquela cova chã do cemitério,
 Mas, altivo, inda diz num improviso:
 “E... leva este meu último sorriso!”

29

Na saga valorosa do imigrante
 Alemão, japonês e italiano,
 A morte formidável é constante,
 Como é constante o esforço sobre-humano
 Por fazer que o portuga mais de adiante
 Do ítalo, nipônico e germano;
 E resta-lhe berrar feito uma anta:
 “A minha lança é dura, e se alevanta!”

30

Mas, se todo cristão é português,
 E Portugal é toda a cristandade,
 E mesmo o bacalhau norueguês
 Perde em fé pra portuga qualidade,
 A escolha está a gosto do freguês:
 Tem salame, toicinho e brevidade;
 Tem gente, que fugindo do tridente,
 Foi plantar cruz em cada continente.

31

Findo o Império, veio o preconceito
 Para com o portuga bigodudo
 Por parte dessa gente sem respeito
 Que pensa ter brasão e poder tudo
 Tão somente porque, digo sem jeito,
 Parece que o portuga é orelhudo;
 Abaixo ao preconceito, minha gente,
 A quem se faz de cérebro carente.

32

Nem todo português se debilita
Diante do malandro tropical;
É o caso do portuga que arrebita
Arrebita arrebita o berimbal
Da Mulata que nunca facilita
Fazendo na avenida o Carnaval;
Salve o Moreira, o Souza, o Oliveira,
Coringas da folia brasileira!

33

Como é certo que um dia tudo finda
Neste planeta pleno de incerteza,
Vou dando cabo nesta história linda
Da raça enobrecida à fortaleza
De um caráter ereto, e mais ainda
Soberbo de façanha à portuguesa;
Pois eu vi quando tudo teve fim;
Foi numa noite, lá no botequim:

34

O turco Farid, grande cobrador,
Tinha brio por jamais se alienar
Do dinheiro, razão do seu amor
Todo feito de débito à cobrar,
E nesta noite quis ver o senhor
Davi, judeu ferrado a não pagar;
A dívida imensa do judeu
Foi razão que com tudo feneceu.

35

Armado de pistola, o turco disse
Ao judeu que de lá não sairia
Sem que a cor do dinheiro ele visse,
Sem saber que Davi se mataria
Para que assim a dívida sumisse
No pó que volta ao pó da sesmaria;
Porém, o turco tira o seu chapéu,
E vai cobrar a dívida no céu.

36

Mortos Farid e aquele fariseu,
Manuel, empolgado, os imita
Arrebentando à bala o crânio seu;
A Mulata lamenta e se agita
Com a frase que não compreendeu:
“Ora, pois, que não perco esta grita
Nem que esteja bem morto lá no céu!”
E o portuga morreu, assim, ao léu.

37

Morte gozada, morte um tanto besta
Esta morte portuga, lusitana;
Se eu pudesse, fazia uma requêsta
Para ressuscitar a mente insana
Do Manuel, herói desta palestra,
Que é portuga, sambista e pé-de-cana;
Quero que Deus ao mundo ele nos mande
Para do mundo a Deus dar parte grande.

CANTO II

(a ressurreição)

1

Recolhendo os miolos espalhados
Pelo chão, a Mulata dedicada
Implorava o perdão dos seus pecados,
Alegando, bastante melindrada,
Sem querer terem sido praticados,
Pois a fé para ela era sagrada:
“Saravá, Santo Antônio de Lisboa!
Tem pena desta filha de Gamboa.”

2

“Pois que se sempre obrar foi minha sina
Pelo bem do Portuga, meu marido,
Por quem perdi as graças de menina,
Tendo meu lorto muito padecido,
Afasta-me, senhor, desta prantina,
Que hás de ficar contente e ressarcido;
E juro que se tal se assuacer,
Eu deixo o samba... eu deixo de beber.”

3

Santo Antônio bondoso, enternecido
Por tamanha, singela e pura fé
Da Mulata que sempre tem vivido
De dar tudo por um copo de mé,
Considerou ser justo e merecido
Seu interceder junto à Santa Sé;
Posto que uma figura assim lendária
Não merecia tal morte ordinária.

4

Manuel levantou, de um salto, são,
Exconjurando, fulo, Santo Antônio
Que não o deixou morto em paz no chão
Junto da companhia do Demônio
E suas diabinhas de plantão
Que se davam a ele em matrimônio;
O Manuel até no Purgatório
Tinha que ser portugo e ser notório.

5

Dona Mulata quis comemorar
A feliz, conjugal ressurreição;
Saiu com seu portuga pra jantar
Cheia de si, conforme a tradição
Muito afeita ao estilo popular
De fingir que jamais meteu a mão
Num prato de comida transbordante,
Fazendo-se de chique, de importante.

6

O portuga, que nunca em restaurante
Havia acomodado o seu traseiro,
Rebolou-se por dois ou três instantes
Qual se fosse em batalha um guerreiro
A perder a saúde e o talante
Entre a faca, o garfo e o saleiro;
Queria uma azeitona alfinetar,
Porém ela insistia em escapar.

7

Até que, com respeito, o garção
Disse: “Não é assim, caro senhor”,
E com habilidade e destra mão,
Fazendo o Manuel mudar de cor,
O fruto alfinetou no bandeirão,
E em frente do portuga veio a por
Garfo com azeitona qual troféu
Dando afronta ao sisudo Manuel.

8

Mas o nosso herói não se amofinou;
De ar encheu o peito, juntou tino,
A Deus e ao mundo a alma encomendou,
E com tanto conluio assim divino
Que a lusitana gente auxiliou,
Safou-se do garção num desatino:
“Pegaste a azeitona, sim, bem vi,
Mas primeiro eu cansei-a para ti!”

9

Quanto espírito!, quanta inteligência
Vemos aqui na vida lusitana;
Que tato!, que sensata interjumência
Além do terrenal, além de humana
Concedeu-se por Deus com diligência
À raça que dobrou a Taprobana,
E entre gente remota construiu
O Império, a quem tanto divertiu.

10

Gigante, Adamastor é uma imagem
Símbolo da grandeza sem igual
Nascente da vontade e da coragem
Para vencer a mofa, porco mal
Oriundo da ignóbil vassalagem
Sofrida por quem vem de Portugal:
Adamastor, com garbo varonil,
Fez-se peão de obra no Brasil.

11

Eu, outro dia, lendo um bom jornal,
Me informei da atual situação
Em que vive a família em Portugal;
As mulheres evitam concepção
Com um costume casto e virginal:
Lá, varão só se deita com varão,
E o boiolismo agora é permitido
Com aval da moral e do marido.

12

Assim é o bravo povo belicoso
Que em Porto Cale fez-se florescer,
Que desde Lusitânia, chão formoso,
Se arrojou para o mundo submeter,
Cujo Império tão vasto e glorioso
Avistava primeiro o Sol nascer;
E, portanto, também para se amar
Eles põem as espadas pra brigar.

13

O valor português será lembrado
Mesmo que, para isto, em castidade,
Cujo voto é tanto celebrado,
Tenha eu que viver feito um abade
Rezador, penitente e respeitado
Pelas mulheres da boa-vontade;
Pois à vida voltou para ser grande
Nosso herói que faz rir por onde ande.

CANTO III

(haja paciência)

1

Estando, certa vez, no elevador,
Manuel observou gentil inglês
Que ao flato de uma jovem, com pudor,
Disse ter sido seu, sendo cortês;
Pois então adentrou lá no ascensor
Velha gorda a peidar sem timidez
E o Manuel: “Os peidos da velhinha
Que agora entrou, são todos culpa minha!”

2

Mas, pior foi no bonde certo dia
No tempo desta elétrica carroça;
Chovia muito, sim, como chovia!
E o bonde era aberto, que palhoça...
E o portuga sozinho lá seguia;
“Pois, troque de lugar, ora que troça!”
Mas vendo que não tinha mais ninguém:
“Trocar até queria..., mas com quem?”

3

Também logo chegando ao Brasil,
O primo do portuga padeceu
A gozação, galhofa, troças mil
Devido ao nome que seu pai lhe deu:
José Veado, que nome mais vil...
Pois, em cartório, outro recebeu
E por escolha própria foi chamado
Não mais José, porém Vasco Veado.

4

Bem, este primo teve um triste fim,
 Mas digno de honrado lusitano;
 Foi quando encendiou-se o botequim
 E Vasco cometeu um ledο engano
 Com o extintor que dizia assim:
 “Cabeça para baixo contra o plano”;
 Pobre Vasco acabou carbonizado
 De pernas para o ar, muito esforçado.

5

Sem graça com a fama que lhe dava
 Todo o povo de ser tonto e tapado,
 Manuel, furibundo, matutava
 Num jeito de ser bem considerado;
 E, para tanto, pouco lhe faltava:
 Era só estudar, ser mais letrado;
 Um professor de lógica arrumou
 Que ao Manuel assim o ilustrou:

6

“De lógica o mundo está formado,
 De bom-senso é que a lógica se embasa;
 Por exemplo, discípulo estimado,
 Acaso você tem cachorro em casa?
 Se tem, tem filhos; não é, pois, veado.”
 Com este exemplo doido, esta vaza,
 Claro que era portuga o professor;
 Perdoa-me Jesus Nosso Senhor!

7

Mais doido ainda foi o que se deu
 Quando o amigo Pedro perguntou
 Sobre a lógica, “coisa de sandeu”,
 Ao que o portuga logo secundou:
 “Tem cachorro no doce lar de seu?”
 E Pedro: “Não, com bicho não me dou”;
 “Logo”, fez o portuga entusiasmado,
 “És bicha, um boiola, um veado!”

8

Eis sutileza!, eis vigor mental
Peculiar à raça lusitana
Que há de ser interna de hospital
Dando a luz à Ciência Americana
Cujo amor se sublima a Portugal
Nas piadas gozadas tão sacanas
Deste bardo que em seu delírio canta
O portugo valor que se alevanta.

9

Este valor já vem de antiga data
Quando do Manuel um ancestral
Em uma expedição brava e sensata
Acabou bem, mas quase se deu mal
Procurando uma nova rota exata
Rumo à Índia submissa a Portugal;
E por causa de um vento mui cortês
O Brasil é um erro português.

10

Em vez de achar a Índia, o lusitano
Encontrou com as índias tropicais,
E no seu apetite tão profano
Aderiu aos costumes canibais
Abocanhando dez índias por ano
A se fartar até não poder mais;
E desta comilança doida acaba
Que o brasileiro tem um pé na Taba.

11

Dirigindo seu carro, embriagado,
Duma feita o Mané fez uma cena;
Tendo a polícia tanto atormentado,
Inda disse com voz a mais serena:
“Cachaça não me deixa embriagado.”
Pois, deu-se alteração na sua pena
Não mais de trinta dias no xadrez,
Porém, conforme é justo, só de um mês.

12

É posto Manuel com um leproso,
O qual na cela quer meter-lhe medo;
Eis que o pérfido, podre criminoso
Arranca e joga fora o próprio dedo;
Não dando o outro mostras de ansioso,
O vilão joga um braço já azedo,
Ao que o nosso herói solta gritos loucos:
“Ó pá, o gajo está fugindo aos poucos!”

13

Depois de conseguir a liberdade,
Muito mais aprontou o Manuel
Com o seu nobre estilo e dignidade
Tanto na Terra, bem como no Céu;
De modo que, por tal enormidade
De esculhambação, falta-me o papel,
E a vocês faltaria a paciência
Para saber de tanta interjumência.

CANTO IV

(ascensão e vida eterna)

1

Já velho assaz cansado da existência,
Desgostoso a beber ardida cana,
O Manuel em trôpega cadência
Saiu com um charuto dos de Havana
A devanear sem qualquer prudência,
Pisando numa casca de banana;
Mas, antes que ele caia, o tempo pausa;
O Olimpo delibera sobre a causa.

2

Do alto do seu trono soberano,
Zeus preside o concílio divinal
Inquirindo em tom grave, puritano,
Qual será desta história o final:
“Conheço o peito ilustre lusitano,
E conheço o valor de Portugal;
Como pode um herói morrer assim
Só de queda, qual um Mané Joaquim?”

3

Vênus, cheia de amor, pudica e casta,
Contemplando o portuga, amorosa,
Despe-se, fica nua, e se arrasta
Para Zeus a rogar-lhe mui chorosa:
“Meu senhor, elogio só não me basta;
Bem sei que vós me tendes por gostosa,
Mas eu quero de vós prova cabal
De amor por vossa gaja e Portugal.”

4

Mas Baco intrometido, cão danado,
 Desvelando as orgias da menina
 Deixa Zeus muito fulo e corneado;
 Sendo, porém, safada e feminina,
 Vênus ataca por um outro lado
 Fazendo-se de frágil, com prantina,
 Fazendo-se de santa, piedosa,
 Constipa a voz e diz toda manhosa:

5

“Se Deus é brasileiro (por que não?),
 Zeus haverá de ser de Portugal,
 E neste honrado posto e condição
 Tem por mister trazer à imortal
 Acrópole de nosso Olimpo, então,
 O bravo português de estirpe tal
 Digno de receber também seu culto
 Mítico de piadas de alto vulto.”

6

Um amante dos gestos grandiosos,
 Zeus manda Baco ir catar coquinho;
 Depois, sacolejando os generosos
 Músculos colossais quais de moinho,
 Solta estrondos de voz mais poderosos
 Que um guri pirraçando seu vizinho:
 “Eu ordeno que suba o Manuel
 Para entrar nas comidas cá no Céu!”

7

E assim como ele está, com vista incerta,
 Língua pra fora, mãos à revelia,
 Perna no ar, braguilha meio aberta,
 Dá-se com Manuel dita magia
 Deixando-o cabreiro, um tanto alerta,
 Sem saber para onde é que ia;
 Foi subindo, subindo sempre ao léu
 Com charuto e cachaça rumo ao céu...

8

Assim é que ascendeu o nosso herói
Numa ascensão de glória triunfal
Ao Olimpo que o tempo não corrói;
Livrou-se do sepulcro e pá de cal,
Ninguém lhe ofende mais, nada mais dói,
Nem mais saudade tem de Portugal;
Pois agora está livre, está contente:
Manuel Joaquim, herói da nossa gente!

Nhandeara, 17 de março de 2001
Marcos Satoru Kawanami